

UNIDADE 1 – A MICROECONOMIA E O PENSAMENTO ECONÔMICO

MÓDULO 1 – CONCEITOS BÁSICOS

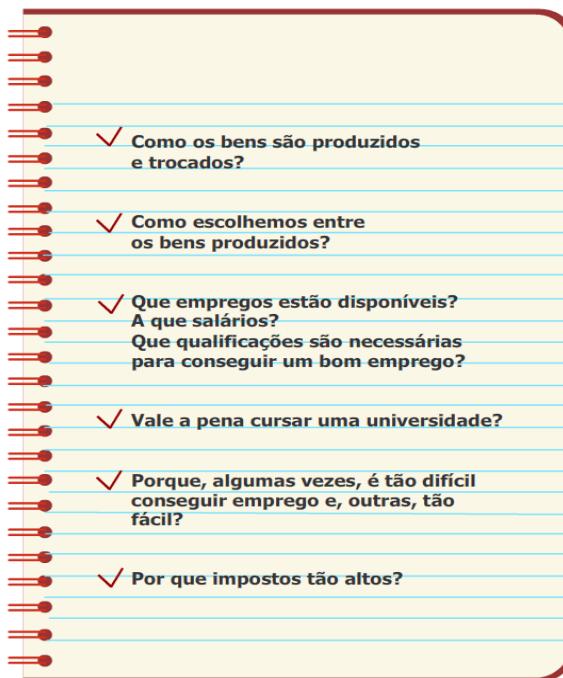
01

1 - CONCEITOS ECONÔMICOS BÁSICOS

Economia é o estudo de como as pessoas, empresas, governos e outras organizações sociais decidem empregar recursos produtivos escassos, que poderiam ter aplicações alternativas para a produção de bens e serviços e distribuí-las para consumo, agora e no futuro, entre os diversos agentes e grupos da sociedade.

Trata-se de uma ciência social que objetiva atender às necessidades humanas.

A economia busca responder a uma série de perguntas específicas. Por exemplo:



Recursos Produtivos (ou Fatores de Produção) representam todos os bens e serviços transformáveis em produção. Ex.: Trabalho, capacidade empresarial, terras e reservas naturais, capitais e tecnologia.

Produção é a transformação dos fatores adquiridos pela empresa em produtos para venda no mercado.

Bens e serviços representam algo capaz de satisfazer às necessidades.

Consumo é a atividade exercida pelos indivíduos para satisfazer às suas necessidades, por meio da utilização de bens e serviços.

Necessidades humanas representam uma sensação de falta, podendo representar o contínuo desejo de elevação do padrão de vida (necessidade social de melhoria de *status*), o acompanhamento da evolução tecnológica (necessidades: computador, freezer, cd, vídeo etc.). Nenhum país, mesmo os mais ricos, são autossuficientes em termos de disponibilidade de recursos produtivos, para satisfazer todas as necessidades da população.

02

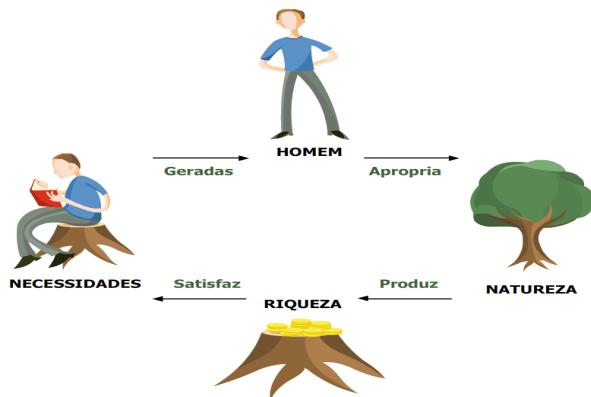
O problema econômico tem origem nas necessidades ilimitadas do homem que variam no tempo e no espaço e nas limitações dos recursos existentes para a satisfação delas.

Se não houvesse a escassez de recursos, ou melhor, se todos os bens fossem abundantes (bens livres), provavelmente não haveria necessidade de se estudar Economia.

A natureza, no seu estado mais puro, não está mais apta a satisfazer as necessidades humanas. O crescimento da população renova as carências básicas e o desejo de elevação do padrão de vida, de melhoria de *status* e de evolução tecnológica.

Por isso, o homem se apropria da natureza e a transforma; nesse sentido, produz riqueza.

O diagrama resume o que foi exposto:



Riqueza é tudo aquilo que resulta da transformação, pelo homem, para satisfazer as necessidades humanas e se encontra à disposição da sociedade, de forma limitada.

03

Nesse sentido, em todas as sociedades e, independente de como se organizem, torna-se necessário fazer escolhas - e tais escolhas determinam a forma como a sociedade utiliza seus recursos.



Constantemente, cada um de nós está fazendo escolhas, dada a limitação de renda, que não permite fazer tudo o que se deseja. Gastar mais com aluguel significa menos dinheiro para roupas e entretenimento.

Poder-se-ia pensar que pessoas imensamente ricas não teriam problemas de escassez; mesmo assim, o tempo para elas também representa um recurso: deverão escolher a cada dia, hora ou minuto como gastarão suas riquezas para melhor satisfazer às suas necessidades. O mesmo ocorre com empresas e governos.

Baseado no que foi apresentado sobre a escassez de recursos, pode concluir-se que, tratando-se de bens econômicos, nada é de graça e ter mais de alguma coisa representa abrir mão de outra.

A escolha entre bens econômicos tem caráter subjetivo, difere de consumidor para consumidor individualmente e se dá por meio da utilidade que o bem oferece.

Aqueles bens que existem em quantidades superiores às necessidades humanas são considerados bens livres e estão fora do controle da economia, ex: o ar.

Somente os bens escassos ou disponíveis em quantidades limitadas são designados como bens econômicos.

Bens e serviços só podem estar disponíveis por meio de um processo exigente de esforços e sacrifícios definidos por atividades econômicas.

Bens Econômicos representam todas as coisas escassas em relação à quantidade de necessidades a que se pode atender.

Consumidor é a unidade de consumo ou de gasto, representada por um indivíduo ou por uma família que possui um único orçamento e tem perfeitas condições de decidir como utilizá-lo.

Utilidade é o grau de adequação (satisfação) de um bem ou serviço a uma necessidade sentida. Portanto, sem a necessidade, não se exterioriza a utilidade.

Atividades Econômicas referem-se ao conjunto de esforços realizados pelos seres humanos, para produzir bens e serviços capazes de satisfazer às suas necessidades.

04

2 - SISTEMAS ECONÔMICOS

A forma como as sociedades se organizam - do ponto de vista econômico, político, social e da inter-relação e mútua dependência do conjunto desses elementos - define a organização econômica ou sistemas econômicos possíveis de serem classificados de duas formas principais: capitalista e socialista.

Sistema capitalista ou economia de mercado: conjunto de regras que atuam nas forças de mercado, predominando a livre iniciativa e a propriedade privada dos fatores de produção, com a divisão do trabalho e a utilização da moeda.

<p>Nos mercados capitalistas, os preços determinam o interesse dos produtores em realizar a produção - quando abaixo do custo, eliminam o incentivo; ao contrário, encorajam a produção - e determinam os níveis de consumo - preços altos desencorajam o consumo e baixos estimulam formando um <u>sistema de preços</u>.</p>	<p>Além de equilibrar a produção e o consumo, os preços também ajudam na melhor alocação dos recursos produtivos e controlam, em boa parte, as rendas individuais.</p> 	<p>Pode-se então concluir que, em uma economia de mercado, o sistema de preços constitui o mecanismo diretor, atuando de maneira automática na orientação do julgamento dos agentes econômicos.</p>
--	--	---

Mercado é o espaço geoeconômico (sem delimitação de contornos). Nele, ofertantes e compradores de um produto ou grupo de produtos – tanto quanto prestadores e usuários de um serviço ou grupo de serviços - estabelecem as condições de compra e venda ou da prestação de serviços e efetivam negociações resultantes de contratos e preço.

Sistema de Preços constitui o conjunto de todos os preços inter-relacionados, tanto de produtos acabados, como de fatores de produção e serviços dos mercados.

05

Sistema socialista ou economia centralizada ou, ainda, economia planificada - é aquela que resolve os problemas econômicos por meio de um órgão central de planejamento e não pelo mercado. A propriedade dos recursos produtivos é do Estado, ou seja, são de propriedade pública; apenas os meios de sobrevivência pertencem aos indivíduos, tais como: roupas, carros, televisor etc.

Em tal sistema, os preços representam apenas dados contábeis, ou seja, escriturados contabilmente, pois as empresas têm quotas físicas de matéria-prima e não fazem nenhum desembolso monetário, apenas registram o valor da aquisição como custo de produção. No caso dos bens essenciais, o governo subsidia fortemente e taxa os bens considerados supérfluos.

Com base nos países comunistas, pelo menos até a ocorrência das grandes mudanças, a partir da década de 80, observa-se que o sistema planificado oferece maior eficiência na distribuição de renda e no atendimento das necessidades básicas da população. Também priorizam os chamados bens de produção.

06

Nas economias de mercado, observa-se maior eficiência na alocação de recursos favorecendo menor interferência do governo nas decisões de produção e permitindo que o mercado estabeleça as prioridades da sociedade; isso gera grande ênfase na produção de bens de consumo.

Do final do século XVIII, com a revolução industrial, ao final do século XX, predominava o sistema de mercado no qual elementos de controle governamental praticamente inexistiam.



Modernamente, com a força dos sindicatos e dos monopólios e oligopólios, associada a outros fatores, tais como: especulação financeira, aumento do comércio internacional, crises econômicas etc., qualquer sistema capitalista não constitui economia pura de preços, mas economia mista.

A necessidade de atuação mais ativa do setor público, por meio do Estado nos rumos da atividade econômica, com a correção das imperfeições da concorrência, se justifica com o objetivo de eliminar as distorções na alocação dos recursos e distribuição, a fim de promover a melhoria do padrão de vida da coletividade. É função dos governos promoverem o bem-estar da população, por meio da produção de bens e serviços públicos, como: saúde, educação, segurança, justiça.

Monopólio: estrutura de mercado com uma única empresa vendendo um produto sem substitutos próximos.

Oligopólio: estrutura em que um pequeno número de firmas dominam o mercado, controlando a oferta de um produto.

07

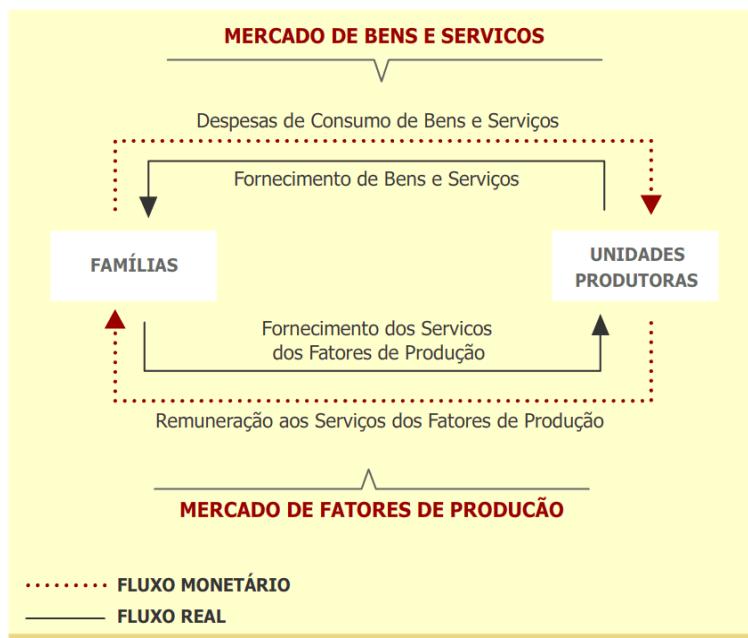
O setor público direciona seus investimentos para as áreas de justiça, de segurança, de desenvolvimento econômico, de educação, de saúde e de saneamento etc. Mas o retorno é, em geral, de prazo mais longo; busca melhorar o nível de bem-estar social, enquanto o setor privado orienta seus investimentos para empreendimentos cujo objetivo básico é a geração de lucro.

Para entender-se melhor o funcionamento do sistema econômico, é de supor-se uma economia de mercado que não tenha interferência do governo e nem transações com o exterior (economia fechada).

Será, portanto, uma economia de dois setores, em que os agentes econômicos são as famílias (unidades familiares) e as empresas (unidades produtoras).

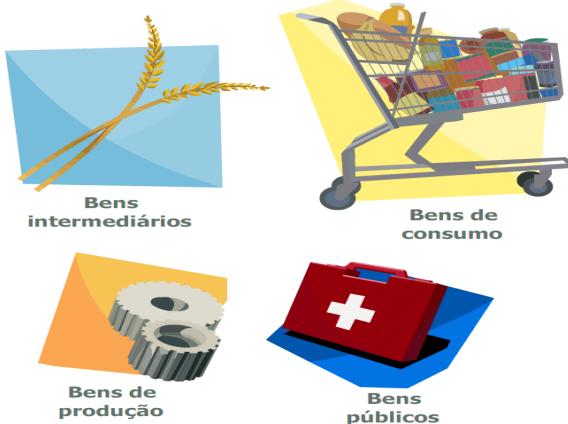
As famílias são proprietárias dos fatores de produção e fornecem as unidades de produção por meio do mercado de fatores de produção. As empresas, pela combinação dos fatores de produção, produzem bens e serviços e os fornecem às famílias, por meio do mercado de bens e serviços.

Os fluxos de tal sistema são viabilizados diante da complexidade das trocas, pela presença da moeda que é utilizada para remunerar os fatores de produção e para o pagamento dos bens e serviços. Esse movimento é conhecido por fluxo monetário da economia ou fluxo nominal. Paralelamente a ele, há o fluxo real (de bens, serviços e fatores de produção), conforme o esquema a seguir:



08

Os bens e serviços representam algo capaz de satisfazer às necessidades e são classificados em quatro categorias quanto à sua utilização.



Os fatores de produção representam todos os bens e serviços transformáveis na produção. São geralmente divididos em: recursos humanos (trabalho e capacidade empresarial), recursos naturais (terrás e reservas naturais), capitais (bens materiais que auxiliam no desenvolvimento do processo de produção) e tecnologia.

O trabalho representa a mão de obra disponível para o processo produtivo. A capacidade empresarial compreende a aglutinação de todos os fatores de produção, sob a orientação do empreendedor que conjugar os demais fatores. Quanto mais eficaz e duradoura forem suas ações de planejamento, organização, produção, comercialização, administração do fator humano, material e finanças, entre outras, melhor serão os resultados do processo produtivo.

Bens de consumo são destinados diretamente ao atendimento das necessidades humanas. São subdivididos em duráveis, quando resistem a mais de um processo de atendimento das necessidades (geladeiras, fogões, televisores etc.) e não duráveis, quando se exaurem no primeiro atendimento da necessidade (guardanapo de papel, palito de fósforo, produtos de limpeza, alimentos etc.).

Bens de produção ou de capital são destinados à fabricação de outros bens, que ampliam a capacidade produtiva e contribuem para melhorar a capacidade produtiva da mão de obra e não se desgastam totalmente no processo produtivo (máquinas, equipamentos e instalações).

Bens intermediários são transformados ou agregados na produção de bens e serviços, compõem as demais categorias e não são consumidos totalmente no processo produtivo (insumos, matérias-primas e componentes).

Bens públicos são os não individualizados no uso (segurança, saúde, educação etc.).

09

Os recursos naturais abrangem todas as ofertas da natureza que possam ser utilizadas no processo produtivo. Transformados ou *in natura*, esses recursos compreendem a base do sistema sobre o qual se assentará o capital.

Os recursos de capital compreendem a infraestrutura produtiva (edifícios e instalações), as máquinas, as ferramentas etc., destinados a aumentar a eficiência do trabalho. Quanto maior a disponibilidade de capital numa economia, maior será a possibilidade de geração de novas riquezas. A formação do capital é resultado direto da própria acumulação de riqueza que é, por sua vez, destinada à obtenção de novas riquezas.

A tecnologia representa o estudo das técnicas. Todo trabalho desenvolvido precisa ser executado de maneira tecnicamente correta.

Atualmente, a tecnologia de produto - inovação que leva à obtenção de produto novo - e a tecnologia de processos - inovação no processo de produção que reduz a quantidade de operações e o tempo de obtenção do produto, racionalizando o uso de matérias-primas, exercem grande impacto na economia e são importantes diferenciais no plano da competitividade entre as organizações e as nações.

Todas as unidades produtivas que compõem o sistema econômico estão agrupadas em três grandes segmentos, sendo:

1. **Setor Primário:** compreende as atividades ligadas à exploração dos recursos da natureza; agricultura, pecuária, pesca, silvicultura e mineração;
2. **Setor Secundário:** compreende as atividades de transformação e beneficiamento de diferentes matérias-primas, ou seja, todas as atividades industriais;
3. **Setor Terciário:** refere-se ao comércio e todas as atividades de prestação de serviços: hotéis, bancos, transportes etc.

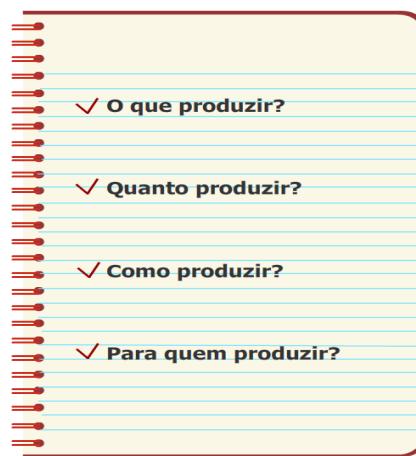
A cada fator de produção corresponde uma remuneração, a saber:

Fator de produção	Tipo de Remuneração
Trabalho	Salário
Capital	Juro
Terra	Aluguel
Tecnologia	Royalty
Capacidade	
Empresarial	Lucro

10

3 - PROBLEMAS ECONÔMICOS FUNDAMENTAIS

Todas as sociedades, qualquer que seja seu tipo de organização econômica ou regime político, são obrigadas a fazer opções ou escolhas tidas como problemas econômicos fundamentais:



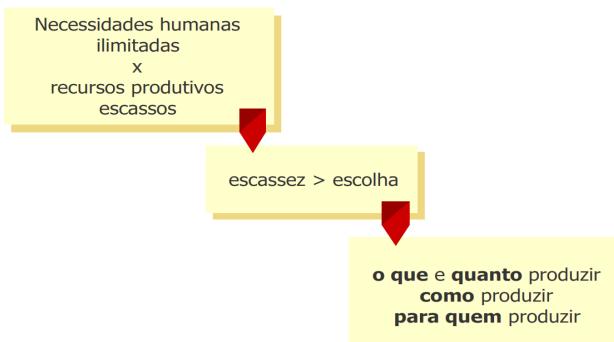
11

Isso irá depender da disponibilidade de recursos de cada sociedade, da tecnologia e da concorrência entre os vários produtores que farão com que sejam escolhidos os métodos mais eficientes ou que tiverem o menor custo de produção possível. As invenções, as pesquisas, as descobertas científicas, o

aperfeiçoamento dos métodos de produção podem por vezes definir como produzir; portanto, a melhoria das possibilidades tecnológicas, deve aumentar a eficiência produtiva, melhor satisfazendo às necessidades da coletividade.

Para quem produzir? A sociedade também terá de decidir como os seus membros participarão da distribuição dos resultados de sua produção, envolvendo dois problemas de grande importância: o acesso aos consumidores à produção disponível e a influência da distribuição de renda no nível de bem-estar. Quais os setores serão beneficiados: trabalhadores, capitalistas ou proprietários de terras? A agricultura ou a indústria? Mercado interno ou externo? Região sul ou norte?

O diagrama resume o que foi exposto:



12

4 - CURVA DE POSSIBILIDADE DE PRODUÇÃO E CUSTO DE OPORTUNIDADE

As empresas e a sociedade como um todo se deparam com restrições. Portanto, devem escolher dentro de um conjunto de oportunidades limitadas. A quantidade de bens que uma empresa ou uma sociedade deve produzir, dada a quantidade disponível de terra, capital, trabalho e outros insumos, é conhecida como suas possibilidades de produção. A representação gráfica dessa produção potencial ou produto de pleno emprego, em que todos os recursos disponíveis estão empregados, é conhecida como curva ou fronteira de possibilidade de produção, também chamada de curva de transformação.

Trata-se de conceito eminentemente teórico, que permite ilustrar como a questão da escassez impõe a empresas ou sociedades restrições devido à limitação dos recursos disponíveis. Isso faz com que seja necessário optar entre as alternativas de produção.

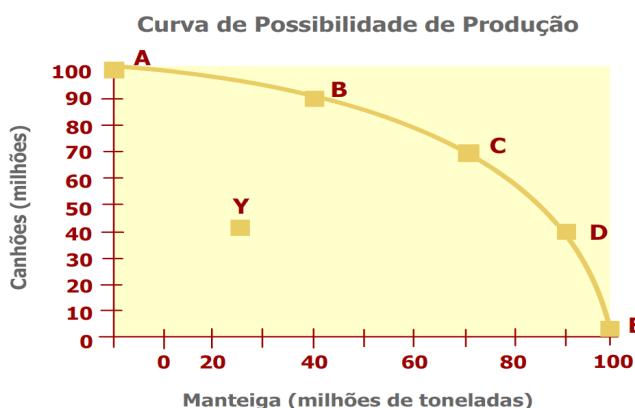
Suponha-se uma sociedade em que toda a produção econômica é dividida em despesas militares e despesas civis. Com o objetivo de simplificar as duas categorias de despesas, representam-se as despesas militares com “canhões” e as despesas civis com “manteiga”, em que as alternativas de produção são as seguintes:

Alternativas de Produção	Canhões (milhões)	Manteiga (milhões de toneladas)
A	100	0
B	90	40
C	70	70
D	40	90
E	0	100

Na alternativa A, todos os fatores de produção seriam alocados para a produção de canhões; na opção E seriam alocados somente para a produção de manteiga. Ambos os pontos representam opções extremas. As alternativas intermediárias (B, C e D) mostram como os fatores seriam distribuídos entre a produção de um e de outro bem.

13

Ao colocarem-se as alternativas de produção num diagrama e unindo os pontos, resulta na curva de possibilidade de produção.



A curva de possibilidade de produção representada pela união dos pontos A, B, C, D e E indica o limite máximo de produção, com os recursos de que a sociedade dispõe em dado momento.

Qualquer ponto sobre a curva quer dizer que a economia está utilizando toda a sua capacidade de produção, ou seja, está operando no pleno emprego. Quaisquer pontos abaixo da curva (como Y) representam situações nas quais a economia não está empregando todos os recursos de que dispõe, ou seja, está operando com capacidade ociosa, com fatores de produção subutilizados ou com desemprego. Pontos além da curva representam limitações e impossibilidades de produção, tendo em vista que os fatores de produção e a tecnologia de que a economia dispõe são insuficientes para se obterem as quantidades de bens ou serviços desejados.

14

Pode observar-se que o conjunto de alternativas de produção não é fixo, porque os fatores de produção utilizados na produção de canhões estão mais bem adaptados para ela.

Caso seja necessário dispor de alguns recursos para a produção de manteiga - por exemplo, do ponto A para B, em que é possível obter o acréscimo de 40 milhões de toneladas de manteiga, são necessários 10 milhões de canhões; já do ponto B para C, para o acréscimo de 30 milhões de toneladas de manteiga, tem-se de dispor de 20 milhões de canhões, proporcionalmente mais.

Isso significa variar positivamente um fator; mantendo-se o outro constante, a ampliação da produção não ocorrerá na mesma intensidade.

Tal situação se deve ao fato de que quanto mais se aumentar a produção de manteiga, mais aumentam as dificuldades, pois se há de lançar mão de recursos cada vez menos adequados à nova finalidade: produção de manteiga.

A transferência vai ficando cada vez mais difícil e onerosa, e o grau de sacrifício aumenta. Por isso, a curva de possibilidade de produção é côncava. Portanto, acréscimos de unidades sucessivas de qualquer insumo aumentam a produção em proporções cada vez menores, se forem mantidos os demais insumos constantes. Esse é um exemplo do princípio geral dos retornos decrescentes e dos custos crescentes.

15

Outro ponto relevante a ser observado é que, sobre a curva de possibilidade de produção, é necessário sacrificar a produção de um bem para que se possa aumentar a produção do outro; o custo da produção alternativa sacrificada é chamado de custo de oportunidade ou, ainda, custo alternativo ou custo implícito.

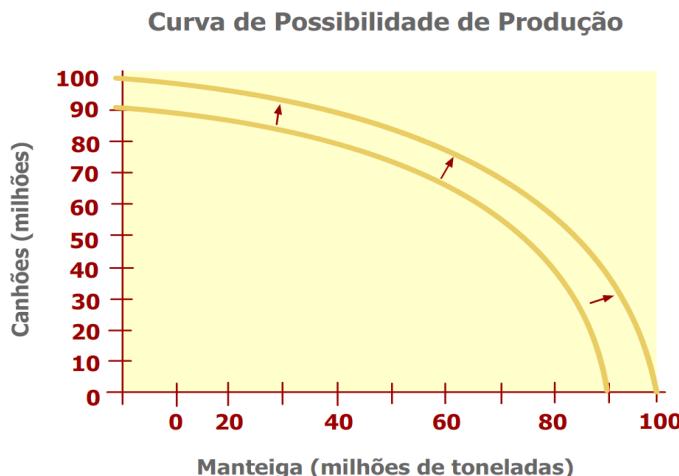
O custo de oportunidade é conceito fundamental da teoria econômica. Ele representa a medida correta de tudo o que fazemos. Para avaliar-se corretamente o custo de oportunidade, é necessário pensar-se no que se poderia deixar de fazer caso se fosse fazer algo; portanto, a medida formal do custo de oportunidade é dada pelo melhor uso alternativo de qualquer recurso, quando se resolvesse utilizá-lo.

O custo de oportunidade representa o grau de sacrifício que leva a optar-se pela produção de um bem, em termos da produção.

16

Muitas empresas ainda ignoram o conceito econômico e a importância do custo de oportunidade, por exemplo, quando registram os juros pagos como custo. Entretanto, quando se referem aos recursos próprios, não apenas financeiros - sob a forma de juros que poderiam estar sendo recebidos: mais terras, edificações, equipamentos etc. -, ignoram o valor potencial de alugar ou mesmo vender esses ativos como um custo da realização de negócios. É um erro. Utilizando o custo de oportunidade de todos os seus ativos, as firmas podem alocar seus recursos para uso mais lucrativo. Não fazer isso, representa desperdício de recursos.

A curva de possibilidade de produção é conceito estático, pois representa um dado momento do tempo. Caso ocorra aumento da disponibilidade de recursos, ou ainda, melhor aproveitamento dos recursos já existentes (avanço tecnológico), maior eficiência produtiva e organizacional e/ou melhoria no grau de qualificação da mão de obra, a curva desloca-se para a direita e para cima, permitindo que a economia obtenha maiores quantidades de ambos os bens.



17

RESUMO

O estudo econômico advém da necessidade de oferecer parâmetros científicos para resolver o problema da escassez; ou seja, atender às necessidades humanas ilimitadas com recursos limitados.

Da apropriação e transformação desses recursos escassos, por meio de atividades econômicas, são gerados os bens e serviços econômicos.

Bens e serviços econômicos sempre terão um valor, geralmente expresso em moeda, de forma que a escolha por algo a mais sempre representará abrir mão de outra coisa.

A medida formal do melhor uso alternativo de qualquer recurso quando decidimos utilizá-lo é dada pelo custo de oportunidade.

Bens e serviços econômicos transformáveis em produção são chamados fatores de produção sendo divididos e remunerados por: trabalho = salários, capacidade empresarial = lucros, terras e reservas naturais = aluguéis, capital = juros, tecnologia e royalties.

O processo de escolha é subjetivo e pessoal e se dá por meio da utilidade, atribuída ao bem ou serviço pelo consumidor.

A forma como a sociedade se organiza inter-relacionando o conjunto desses elementos, política e socialmente, define o sistema econômico.

Os sistemas econômicos buscam resolver os problemas fundamentais de economia: O que produzir? Quanto produzir? Como produzir? Para quem produzir?

Os sistemas econômicos são classificados em dois: capitalista, que busca equilibrar a produção, consumo e alocação dos recursos por meio do mercado e dos preços; e socialista que resolve os problemas econômicos fundamentais por meio de um órgão central de planejamento, e não pelo mercado.

As quantidades totais de bens e serviços que uma sociedade pode produzir, dadas as restrições de

fatores de produção e outros insumos disponíveis, representa a possibilidade de produção dessa economia.

A representação gráfica da produção de pleno emprego ou potencial é conhecida como curva ou fronteira de possibilidade de produção, ou ainda, curva de transformação.

UNIDADE 1 – A MICROECONOMIA E O PENSAMENTO ECONÔMICO

MÓDULO 2 – EXPLORANDO A CIÊNCIA ECONÔMICA

01

1 - A CIÊNCIA ECONÔMICA

Estudar economia, do ponto de vista científico, é o mesmo que explorar, de forma sistemática, o problema da escolha. Essa sistematização envolve a formulação de teorias, o exame de dados e a elaboração de modelos.

Como toda teoria, a econômica deve respeitar alguns critérios para que seja aceita pela comunidade científica e ser composta de variáveis que ajudem a explicar e a prever fenômenos.

No desenvolvimento de suas teorias, os economistas utilizam, então, o recurso de modelos econômicos.

Modelo é a representação simplificada da realidade que se pretende analisar, que se concentra no essencial e ignora o acessório.

Teoria é o conjunto de pressuposições (ou hipóteses) e conclusões derivadas dessas hipóteses. São exercícios lógicos: se a hipótese está correta, então se segue o resultado previsto.

Variáveis representam qualquer valor que possa ser medido e alterado.

02

2 - A NATUREZA DOS MODELOS ECONÔMICOS

Bom exemplo do que seja um modelo é dado pelo mapa. Os mapas são modelos do espaço geográfico que descrevem: o mundo, os continentes, um país ou uma povoação.

Obviamente, os mapas são representações simplificadas, que não contêm todos os detalhes do espaço a que se reportam. Para conterem todas as minúcias, os mapas teriam que ser feitos à escala de 1:1.

Não é fácil dizer o que deve ser mantido e o que pode ser eliminado no modelo. O que é útil numa situação, não o é em outra.

O modelo é uma construção mental simplificada.

Quando nos deslocamos de carro entre duas cidades, um mapa de estradas cumpre a função de ajudar-nos a encontrar o melhor caminho - se contiver as estradas com indicação de importância e estado de conservação, alguns pontos de referência, como o nome das povoações e pouco mais.

Muitos detalhes sobre a geografia ou clima só serviriam para tornar mais difícil a busca do melhor caminho entre os dois pontos.



03

Existem mapas que se concentram sobre os detalhes do relevo ou da divisão política de determinado território. Os detalhes do relevo, por exemplo, são úteis não para encontrar a estrada que melhor nos conduz de um ponto a outro, mas para escolher o percurso por onde deverá passar uma nova estrada.

Nesse caso, o grau de detalhe é muito mais importante e as cartas que servem de base ao desenho de estradas são feitas a uma escala muito maior do que os mapas das estradas.

Um bom modelo possui as seguintes características:

- ✓ Concentra atenção em apenas alguns fatores, mantendo as coisas simples;
- ✓ Faz previsões precisas;
- ✓ Suas previsões podem ser testadas;
- ✓ Os resultados que ele prevê podem ser validados;

O exame dos dados discutidos é apresentado sob a forma de variáveis que podem ser chamadas de **endógenas**, quando determinadas por forças intrínsecas ao modelo analisado; e de variáveis **exógenas**, quando determinadas por fatores não discutidos nesse modelo particular.

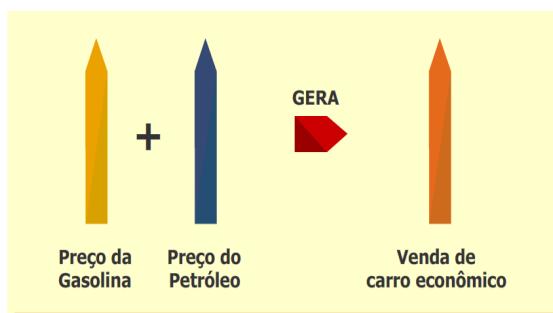


Em geral, as variáveis isoladamente não interessam aos economistas, mas sim as conexões que possam existir entre elas. Isso para verificar algo que pareça ser uma relação sistemática entre variáveis, a fim de, por meio de testes estatísticos, medir e testar **correlações**.

04

O estudo sistemático da economia não apenas busca afirmação de que as variáveis estão correlacionadas, mas também se mudanças ocorridas em qualquer uma delas provocam obrigatoriamente mudanças nas demais.

Esse estudo demonstra a direção da **causalidade** buscando, dessa maneira, as possíveis relações de causa e efeito. Por exemplo, o aumento dos preços da gasolina, motivado pelo aumento do petróleo, gera aumento das vendas de carros com baixo consumo de combustível. Observe a figura:



A causa foi o aumento do preço da gasolina e o efeito, o aumento de venda dos carros econômicos, demonstrando a existência de correlação entre as variáveis.

05

A história do mercado dos telefones móveis é útil para ilustrar como diferentes modelos podem ser apropriados para a análise de diferentes aspectos da realidade. Por exemplo, para examinar se é melhor ter o pagamento por período de conversação ou assinatura mensal, pode ser útil abstrair o fato de os clientes terem diferenças entre si.



Porém, para verificar se a empresa deve ter um ou mais planos tarifários, não é possível ignorar as diferenças entre clientes. Para levar a análise desses dois fenômenos, pode ser útil abstrair o fato de cada empresa não estar sozinha no mercado.

No entanto, para estudar a resposta de uma empresa às alterações de preços das outras, não faz sentido ignorar a concorrência; mas pode ser dispensável incluir, no modelo, todos os detalhes sobre o sistema tarifário.

Na prática sabe-se que as empresas têm que dar respostas a alterações de preços das outras, quando cada uma delas tem estruturas tarifárias complexas; mas seria muito mais fácil perceber o que está em causa nas decisões, se for isolado um aspecto de cada vez, em vez de analisarem-se todos os aspectos simultaneamente.

06

3 - O ÂMBITO DA ANÁLISE

Tudo o que acontece nos mercados tem consequências próximas e distantes.

- O surgimento de nova tecnologia, em dado mercado, tem consequências diretas sobre esse mercado. À medida que alguma empresa começa a adotá-la, os seus custos reduzem-se e as vendas aumentam. Essas vendas adicionais podem ser conseguidas por meio de atração de clientes que não compravam anteriormente o produto ou à custa de clientes que adquiriam, anteriormente, das empresas rivais. Essas podem responder de forma vigorosa ou, pelo contrário, ignorar o fato. O movimento inicial e a resposta das outras empresas podem ter como consequência, maior ou menor, alteração dos preços e maior ou menor alteração das quotas de mercado das empresas.
- A nova tecnologia também apresenta resultados menos imediatos no mercado. A expansão das vendas de uma empresa provoca mais compras às empresas fornecedoras, contratação de maior número de trabalhadores, aumento da massa salarial da empresa e, provavelmente, acréscimo dos lucros da empresa. Tais lucros podem ser reinvestidos ou distribuídos pelos donos da empresa. Em qualquer dos casos, tal como os salários, eles vão ser usados para comprar outros produtos. Para expandir a produção desses produtos, é também necessário contratar mais trabalhadores, comprar mais matérias-primas etc. Alternativamente, esses rendimentos adicionais podem ser poupadados. No caso, serão depositados num banco que os irá emprestar ou aplicados em ações ou obrigações, voltando então a ser usado para a aquisição de novos bens e serviços.

07

- A história não acaba aqui. Parte do aumento da produção e da riqueza gerada é recolhida pelo Estado, sob a forma de impostos sobre as transações e sobre o rendimento; mas o Estado também não fica com o dinheiro dos impostos para si: gasta, comprando novos bens e serviços. O efeito total da decisão inicial vai, pois, muito além do efeito inicial sobre os preços e as quantidades transacionadas no mercado.



08

Em economia, utilizam-se, com frequência, estruturas baseadas em dois princípios básicos, o da otimização e do equilíbrio, facilmente observados nas consequências apontadas no âmbito da análise.

O princípio da otimização, segundo o qual as empresas tentam sempre escolher o melhor padrão de consumo que estiver ao seu alcance.

Dessa maneira, os modelos levam em conta que os agentes buscam mudar para melhor e tendem a encontrar o equilíbrio que poderia ser definido como "o lugar para onde as coisas vão indo, mas que não são necessariamente os resultados que se deseja alcançar".

O princípio de equilíbrio, pelo qual haja garantia da aplicabilidade do equilíbrio de preços e consumo, até que o total de pessoas seja atendido, de igual forma, na demanda total ofertada.

Em síntese, os resultados obtidos por meio do equilíbrio não são necessariamente os resultados que as pessoas, muitas vezes, desejam alcançar, mas sim o ponto em que o preço representa - dentro das regras do mercado em questão - a opção que melhor atende às partes envolvidas.

09

Com base no princípio do equilíbrio, os modelos dividem-se em dois tipos: geral e parcial.

Um modelo que pretende captar a totalidade dos efeitos e que se denomina de equilíbrio geral. A dificuldade dos modelos desse tipo é que, dada a sua abrangência, não podem tratar os detalhes. Assim, normalmente, partem da hipótese de que:

- todas as empresas são idênticas;
- a forma como a concorrência se exerce nos diferentes mercados é semelhante;
- os clientes têm, todos, os mesmos gostos.

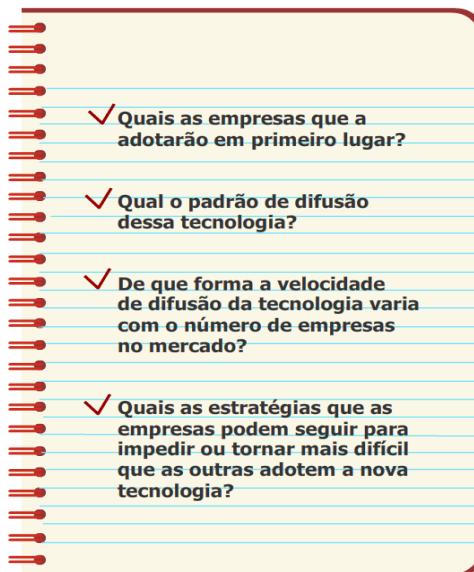


Em contraste, os modelos de equilíbrio parcial abstraem o fato de cada mercado estar integrado na economia do país ou região.

Fazendo isso - e preocupando-se apenas com as consequências imediatas de cada decisão -, é possível prestar muito mais atenção ao detalhe específico do mercado em análise, levando-se em conta:

- a heterogeneidade entre os clientes desse mercado;
- o número de empresas no mercado, suas semelhanças e diferenças;
- as estruturas internas das empresas e
- as diferenças entre as formas de gestão.

As questões típicas, que se apresentam na análise de **equilíbrio parcial** do aparecimento de uma nova tecnologia, são:



10

Microeconomia e macroeconomia - Outra distinção importante é a distinção entre modelos microeconômicos e modelos macroeconômicos.

Modelos Microeconômicos	Modelos Macroeconômicos
Preocupam-se com o comportamento e as decisões dos agentes econômicos (consumidores e produtores) individualmente considerados e com os efeitos sobre cada mercado particular;	Analisam o comportamento dos grandes agregados de uma dada economia, observando a economia como um todo, na busca de delinear uma política econômica para a sociedade. Traz enfoque conjuntural, isto é, alteração sobre a evolução do conjunto dos preços - a inflação; a evolução da produção agregada - o produto nacional e o nível de emprego.

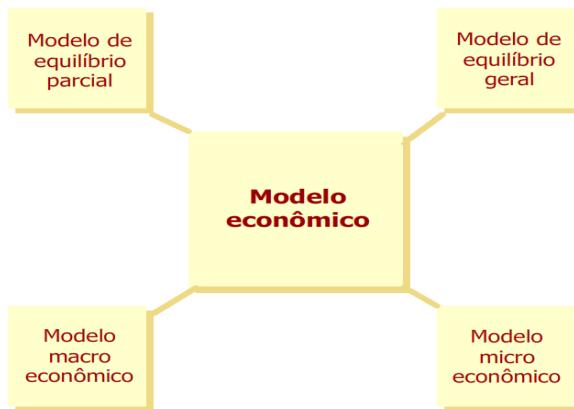
A microeconomia considera as questões do tipo: por que o preço das chamadas feitas por celulares tem decrescido, ano após ano, e qual o efeito que isso tem na utilização dos telefones?

A macroeconomia analisa questões como: por que os conjuntos dos preços de um país crescem mais ou menos de ano para ano? Por que a inflação é maior ou menor e qual é o efeito dela sobre a produção agregada de um país ou sobre as despesas de consumo agregado das famílias desse país?

A diferença entre a perspectiva da macroeconomia e a da microeconomia assemelha-se às diferenças existentes entre um planisfério e a planta de uma cidade. Só o planisfério permite saber qual o nosso lugar no mundo, mas só a planta permite conhecer os detalhes da malha urbana e saber quais ruas devemos percorrer no dia a dia, para nos deslocarmos de um ponto da cidade para outro.

11

A Economia da Empresa, estando diretamente preocupada com as decisões que as empresas tomam e com as consequências dessas decisões para a própria empresa, adota claramente uma perspectiva microeconómica e uma perspectiva de equilíbrio parcial. É essa abordagem que se está considerando. O esquema a seguir ilustra os modelos econômicos dessa teoria, com o resumo de cada um.



Modelo econômico é uma representação simplificada da realidade que se pretende analisar e que se concentra no que nela é essencial, ignorando o acessório. As teorias econômicas são elaboradas com o recurso de modelos econômicos.

O modelo de equilíbrio geral considera a hipótese de que todas as empresas são idênticas e que a forma, como a concorrência, é exercida nos diferentes mercados, de maneira semelhante e que os clientes têm, todos, os mesmos gostos.

O modelo econômico parcial considera os mercados individualmente e o relacionamento entre consumidor e empresa, sem se preocupar com a interdependência com outros mercados.

Modelo macroeconômico é o padrão que olha para os efeitos de uma dada alteração sobre a evolução do conjunto dos preços – a inflação; e sobre a evolução da produção agregada – o produto nacional.

Modelo microeconômico é o que se preocupa com as decisões dos agentes econômicos,

individualmente considerados, e com os efeitos sobre cada mercado em particular.

12

A Economia descreve o comportamento das empresas e dos agentes econômicos em geral. Frequentemente, economistas são chamados a fazer análises sobre as políticas econômicas, inclusive adotando prescrições sobre o que fazer em determinadas circunstâncias; por vezes, discordam em muitos assuntos. Isto se deve ao fato de observarem o funcionamento do mundo de forma diferente. Dessa maneira, diferem em seus valores, em como avaliam as consequências e descrevem, de modo diverso, as previsões. Essas declarações que usualmente ouvimos nos noticiários são argumentos normativos (**economia normativa**). Ex.: “o crescimento é bom”; “o crescimento é ruim”).

Quando os economistas descrevem economia e constroem modelos que preveem como realmente a economia mudará e quais os impactos das políticas aplicadas, utilizando-se de conhecimentos objetivos e respeitando todos os cânones científicos, dizemos que são argumentos positivos (**economia positiva**). Ex.: “o crescimento cria poluição” ou “o crescimento elimina a poluição”.

Assim, pode-se afirmar que a análise econômica é dividida em normativa e positiva.

Em economia, é importante separar os argumentos positivos dos normativos. É comum expressarmos juízo de valor no que acreditamos; porém, lamentavelmente, raras vezes é possível moldar a realidade como gostaríamos.

Cabe ressaltar que a economia normativa se utiliza da economia positiva, tendo em vista que a boa economia normativa deve explicar precisamente quais os valores ou objetivos que incorpora. Portanto, apesar de os economistas discordarem profundamente, na verdade, concordam mais do que discordam.

13

A perspectiva da Economia de Empresa é fundamentalmente saber quais decisões devem ser tomadas pelas empresas. Ainda assim, é útil saber por que o Estado intervém, nomeadamente, criando restrições às atividades empresariais, o que se verá mais adiante.

É importante conhecer as restrições ao uso de modelos na decisão empresarial e que são as seguintes:

- Os modelos não são realistas;
- As decisões são complexas;
- Os gestores não usam modelos;
- A prática é decisiva para tomar decisões.



Um caso da vida empresarial

Uma das críticas mais frequentes à utilização de modelos econômicos para a análise das decisões empresariais é a de que a realidade, na qual os gestores têm que tomar decisões, nunca é como os modelos descrevem.

As decisões são complexas, pois obrigam os gestores ao processamento de informação muito diversificada; contemplam inúmeros aspectos da realidade que, por isso mesmo, não podem ser captados em modelos simples. Cada decisão empresarial é única. As circunstâncias nunca se repetem e se um modelo pode servir para explicar satisfatoriamente uma decisão concreta não será por isso útil noutras circunstâncias.

Os gestores não usam modelos e questionam, por vezes, a utilidade dos modelos baseados na frequência do seu uso, na tomada de decisão na vida real. O argumento pode ser expresso assim: muitos dos gestores nunca estudaram Economia e, no entanto, fazem longas carreiras à frente das suas empresas, tomando decisões que, em muitos casos, levam as suas organizações ao sucesso.

A prática é decisiva para tomar decisões. Uma versão do argumento anterior consiste em contrapor os conhecimentos decorrentes da experiência prática ao conhecimento dos modelos teóricos da Economia. Mais do que o conhecimento teórico, é a experiência prática relevante para a tomada de decisão empresarial.

14

Quando se está em algum lugar - e quase todos têm um telefone celular -, dificilmente alguém se lembra de que, no início da última década do segundo milênio, o celular era objeto praticamente desconhecido, pesava quilos e custava muito caro.

Muita coisa mudou no negócio dos telefones móveis, que não existiam antes de 1989. Apenas as empresas públicas do sistema Telebrás (Telebrasília, Telesp, Telegoiás...) forneciam esse serviço pela chamada Banda A, de exclusividade do governo federal. Por essa ocasião, as tarifas dos telefones móveis e fixos eram muito diferentes, mas razoavelmente semelhantes na sua estrutura. Existia uma taxa de instalação e, no caso dos telefones móveis, uma assinatura mensal e duas unidades monetárias da época por minuto de conversação para chamada diurna ou noturna.

Posteriormente, com a privatização do Sistema Telebrás e a entrada em cena das Bandas B, as concorrentes das atuais Bandas A, privatizadas pelo Governo, trouxeram alguma agitação ao mercado. Foram criados novos planos tarifários e os clientes passaram a ter opção entre assinaturas mais elevadas e preço por minuto de conversação mais baixo e assinaturas mais baixas e custo por minuto mais elevado.

15

Globalmente, os preços das chamadas foram apresentando tendência clara para a descida. Ao mesmo tempo, o número de assinantes foi crescendo de forma substancial, porque os preços por minuto de cada plano foram caindo ou porque surgiram novos planos que permitiam realizar chamadas com encargos mensais cada vez menores.

Motivado pela redução de preço, um número crescente de pessoas foi adquirindo celulares e estabelecendo contratos com um dos dois operadores. Esse fato, por sua vez, tornou mais atrativa a posse de um celular.

Em virtude de as chamadas, dentro da mesma rede, serem significativamente mais baratas do que as chamadas entre redes, quanto maior for o número de telefones móveis de uma rede, mais atrativa se torna a aquisição de um celular ligado a ela.

Isso faz com que as empresas operadoras tenham investido fortemente na captação de clientes, nomeadamente vendendo os aparelhos a preço muito baixo, desde que o comprador se comprometa a usar o serviço durante determinado tempo. Entretanto, os preços continuaram a descer e as estruturas tarifárias a multiplicar-se, tendo a taxa de assinatura sido, por fim, eliminada.

16

Será que existe realmente um mercado de comunicação por telefone móvel? Ou existe apenas um mercado das comunicações telefônicas? Quando da sua introdução, os telefones móveis eram mais parecidos com os fixos. Devido ao grande peso e ao volume, esses aparelhos eram basicamente telefones fixos que podiam ser instalados numa plataforma móvel, normalmente o carro. Porém, as ligações eram ruins, a cobertura do território deficiente e os preços dos aparelhos e das chamadas, muito superiores aos da rede fixa.

A utilização dada aos telefones fixos e móveis era normalmente muito diferente. Só as pessoas que supervalorizavam a possibilidade de efetuar e receber chamadas enquanto se deslocavam de carro de um lugar para outro compravam telefone móvel àquela altura. De fato, os dois tipos de telefone não eram, então, realmente substitutos.

Os preços das chamadas e dos aparelhos eram tão diferentes que ninguém pensava em trocar um aparelho fixo por um móvel. Gradualmente, a situação alterou-se: a diferença entre os preços reduziu-se e alguns clientes residenciais começaram a contemplar a hipótese de abandonar o telefone fixo para ficarem apenas com o móvel. Os dois mercados tornaram-se claramente mais próximos e é bem provável que se chegue a um ponto em que os dois passem a ser um só.

4 - AS DECISÕES EMPRESARIAIS

Essa breve descrição do mercado dos telefones móveis ilustra esse grande número das questões relevantes para a tomada da decisão na empresa e também ilustra os diversos tópicos a serem abordados ao longo do desenvolvimento desta disciplina. Ela discute a questão das fronteiras do mercado; como o número de consumidores e as quantidades que eles compram variam com o preço; e a forma como os mercados evoluem ao longo do tempo.

Porém, mais importante é serem analisadas as formas como o conhecimento dos elementos mencionados pode ser usado para subsidiar a tomada de melhores decisões nas empresas. Como escolher o melhor preço a praticar? O mercado dos telefones móveis é fértil em exemplos de casos em que diferentes preços são cobrados a clientes diferentes. Em que condições é mais rentável para uma empresa adotar esse tipo de estratégia? Quais as dificuldades associadas à sua implementação?

A organização das redes de comercialização de telefones celulares mostra que, por vezes, as empresas levam a cabo, internamente, tarefas que também entregam a empresas externas. Quais são as atividades a serem mantidas dentro da empresa e as que devem ser organizadas com recurso do mercado? Quais são os elementos importantes nessa escolha? Em que circunstâncias as duas formas de organização coexistem?

É geralmente aceito que, durante os primeiros tempos no mercado, o desempenho das antigas estatais superou largamente as empresas da Banda B. Uma das razões para tal diferença é também sugerida na história do mercado: as antigas estatais tiveram mais cedo a capacidade de criar mecanismos para motivar as pessoas que lá trabalhavam a agirem de acordo com os interesses da empresa.

Como estimular as pessoas a agirem de acordo com as preferências da empresa? Quais os fatores que pesam na escolha de um regime de compensações?

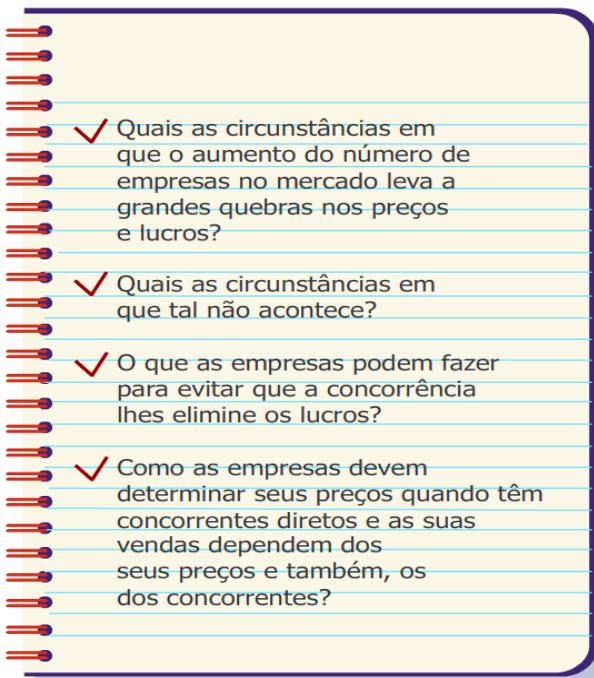
A história dos telefones móveis é, também, rica em episódios de entrada de novas empresas no mercado. Que estratégias as empresas instaladas no mercado podem adotar, para evitar a entrada das novas ou para minorar os efeitos negativos de tais entradas?

Que estratégias podem as empresas seguir para minimizar a ação agressiva das empresas instaladas?

Com a entrada da Banda B, ocorreu alteração muito significativa na estrutura do mercado, de consequências potencialmente importantes no desempenho das empresas.

A partir desse momento, os resultados das organizações deixaram de depender apenas do resultado da interação entre empresa e clientes, mas passaram a depender, de forma crucial, da interação entre as instituições no mercado.

Quando um mercado tem mais que uma empresa, a forma como elas interagem passa a ser determinante para os resultados de cada qual.



A questão da concorrência entre empresas traz questões relevantes. Nem sempre o que é bom para uma empresa no mercado é mau para as restantes.

Em que circunstâncias são mais fáceis para as empresas tomarem decisões que beneficiem todos os concorrentes? Que estratégias cada empresa pode seguir para induzir as outras a adotarem comportamento mais amigável?

20

5 - A Economia e a decisão na empresa

As questões levantadas anteriormente são, no fundo, as que muitos livros sobre gestão empresarial tentam dar resposta. Uma visão, que tem por vezes alguma popularidade, parte da verificação inquestionável de que cada decisão empresarial é única e as circunstâncias específicas que a envolvem nunca se repetirão.

O ideal para responder a situações novas, segundo essa visão, seria acumular o máximo de experiência empresarial, para, a partir dela, desenvolver percepção suficientemente apurada para responder a novas condições.

Em virtude de tal experiência alargada ser difícil de adquirir, não só porque leva muito tempo, uma forma de assimilar tais conhecimentos por via indireta seria pela observação das decisões que os gestores tomam na prática; em particular, nas empresas de sucesso.

O objetivo da abordagem é a identificação de casos de sucesso empresarial, para, pelo estudo desses casos, procederem a identificação das estratégias adotadas pelas empresas bem-sucedidas.



21

Essa forma de abordar a questão negligencia o fato de que sempre que determinada estratégia leva a bons resultados em algumas empresas, existem outras instituições que ela conduz a resultados desastrosos. O fato de uma empresa de sucesso ter adotado determinada estratégia, que parece responsável pelo sucesso dela, não é garantia de que, aplicada noutra circunstância, venha a produzir resultados igualmente bons.

Por outro lado, o fato de existir certa proporção de sucesso entre as empresas que seguiram uma orientação, não é revelador da validade dessa estratégia. Para se ter noção do ganho efetivo produzido pela adoção de tal ou qual rumo, é necessário comparar a proporção de sucessos entre as empresas que o seguiram com a proporção de sucessos entre as empresas que não o adotaram. E, finalmente, o simples identificar de estratégias de sucesso não fornece ideia sobre os canais que ligam o caminho adotado aos resultados alcançados e sobre as relações causais existentes.

Se uma forma de agir não produz sempre resultados positivos, o conhecimento das relações causais e das ligações entre ela e o sucesso da empresa são cruciais para identificar as circunstâncias em que pode ser desejável e em quais ela poderá ter menor efeito.

A abordagem seguida no desenvolvimento dessa disciplina é diferente; é essencialmente prática, no sentido de que objetiva, em todos os pontos tratados, fornecer instrumentos para a tomada de decisão na empresa. É também prática, na medida em que os conceitos são ilustrados com exemplos da vida empresarial. Contudo, não se apoia em ideias do senso comum, nem é centrada no estudo de casos de sucesso.

Pelo contrário, a perspectiva adotada repousa na análise econômica.

22

A razão de basear o exame das decisões empresariais na teoria econômica reside no fato de se procurar não uma explicação para o sucesso desta ou daquela empresa, mas o referencial consistente, que identifique as relações causais entre decisões e resultados e permita prever em que circunstâncias uma decisão produz determinados resultados.

Ou seja:



Isso não quer dizer que se considere a experiência prática irrelevante ou secundária na gestão das empresas. A experiência é elemento importante em muitas profissões; a gestão de empresas não é exceção. Porém, se, na medicina, a prática clínica não é substituto para o conhecimento de Anatomia, Fisiologia, Química e Biologia, na gestão das empresas, a experiência empresarial não supre o conhecimento sistematizado da realidade empresarial.

Esse conhecimento é proporcionado pelas diversas ciências que lidam com as questões empresariais, entre elas, a Economia. O desenvolvimento do conteúdo dessa disciplina é, pois, essencialmente prático: trata de teoria econômica, para a qual “não há nada tão prático como a boa teoria”.

23

RESUMO

O estudo econômico, de forma científica, pressupõe a sistematização do problema da escolha pela elaboração de modelos e teorias.

Os modelos são representações simplificadas da realidade, concentrando a análise no essencial e ignorando o acessório.

As teorias são conjuntos de pressuposições e conclusões derivadas de hipóteses, que respeitam critérios específicos para que sejam aceitas pela comunidade científica.

As teorias são compostas de variáveis que ajudam a explicar e a prever fenômenos. Quando descritas no modelo analisado, são chamadas de endógenas e quando determinadas por fatores externos ao modelo, exógenas.

Dois princípios norteiam as estruturas dos modelos econômicos: o da otimização e o de equilíbrio.

Quando o modelo pretende captar a totalidade dos efeitos, diz-se modelo de equilíbrio geral e quando se preocupa apenas com detalhes específicos da análise em questão, chama-se equilíbrio parcial.

A teoria econômica é dividida em microeconomia e macroeconomia.

Modelos microeconômicos preocupam-se com os comportamentos e as decisões individuais dos agentes econômicos, sobre cada mercado.

Modelos macroeconômicos analisam a economia como um todo, por meio de grandes agregados, buscando delinear a política econômica adequada. Tem enfoque conjuntural.

As previsões, decisões, análises de impacto, argumentações etc., baseadas na teoria econômica “pura”, ou seja, sem expressar juízo de valor, fazem parte da economia positiva.

Argumentações, previsões, decisões, análises de impacto etc., baseadas na interpretação, no juízo de valor do agente, fazem parte da economia normativa.

UNIDADE 1 – A MICROECONOMIA E O PENSAMENTO ECONÔMICO

MÓDULO 3 – BREVE HISTÓRICO DO PENSAMENTO ECONÔMICO ANTES DE

KEYNES

01

1 - ECONOMIA CLÁSSICA

As ideias dos economistas e dos filósofos políticos, certas ou erradas, têm mais importância do que geralmente se percebe. Os homens objetivos, que se julgam livres de qualquer influência intelectual, são, em geral, escravos de algum economista que já existiu.

Os insensatos, que ocupam posições de autoridade, que ouvem vozes no ar, destilam seus arrebatamentos inspirados em algum escriba acadêmico de certos anos atrás segundo John Maynard Keynes (1883-1946), na obra *Teoria Geral do Emprego, dos juros e da moeda*.



O pensamento econômico evoluiu nos últimos séculos, o que ajuda a compreender melhor as ideias dos economistas, políticos e administradores de hoje.

02

O início da Economia como ciência se dá com o fim do Mercantilismo – com a predominância do comércio - e o advento do Capitalismo, época da Revolução Francesa, tendo como embasamento teórico fundamentos da escola de pensamento francesa, a Fisiocracia (regras da natureza).

Os trabalhos dos fisiocratas estavam permeados de considerações éticas e tiveram grande contribuição à análise econômica. Destaca-se a *Tableau Économique*, trabalho do Dr. Quesnay, médico da corte de

madame Pompadour, como primeiro trabalho a dividir a economia em setores, mostrando a inter-relação entre eles. Avanços posteriores deste estudo deram lugar à análise da matriz insumo-produto (Wassily Leontief, na Universidade de Harvard nos anos 40).

Os fisiocratas associaram vários conceitos da Medicina a Economia: circulação, fluxos, órgãos, funções etc. A publicação de *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith, em 1776, representa o primeiro estudo sistematizado de teoria econômica, o que lhe valeu o título de fundador da Ciência Econômica. Seus mestres foram:

- John Locke († 1704), que defendia o "individualismo econômico", ou seja, o combate a qualquer tipo de centralização, que traz poder, abuso e corrupção; e
- David Hume († 1776), defensor das "Leis Naturais" e crítico do Mercantilismo.

A partir do século XVI, observa-se o nascimento da primeira escola econômica: o mercantilismo.

Apesar de não representar um conjunto técnico homogêneo, ela tinha algumas preocupações explícitas sobre a acumulação de riquezas de uma nação. Continha alguns princípios de como fomentar o comércio exterior e entesourar riquezas. O acúmulo de metais adquire uma grande importância, e aparecem relatos mais elaborados sobre a moeda. Considerava que o governo de um país seria mais forte e poderoso quanto maior fosse o seu estoque de metais preciosos.

Fisiocracia é a escola de pensamento francesa que pregava a desregulamentação do governo. Media a riqueza de uma economia pelo montante de bens e serviços gerados em atividades econômicas, principalmente aquelas ligadas a terra, considerada a única fonte de riqueza. Esses produtos eram oferecidos para a coletividade a fim de satisfazer as suas necessidades. Sustentavam que havia uma ordem natural que fazia com que o universo fosse regido por leis naturais, absolutas, imutáveis e geradas por providência divina, para a felicidade dos homens.

03

As ideias de Adam Smith foram revolucionárias para a época, pois contrariavam os conceitos mercantilistas. Com base na teoria do desenvolvimento humano, defendia a tese de que a riqueza estava não no ouro, mas no trabalho produtivo das indústrias que, para expandirem-se, necessitavam de mercados livres e competitivos: livre comércio internacional (sem barreiras alfandegárias) e livre câmbio, os quais, por meio de uma "*Mão Invisível*", trariam o bem-estar e a felicidade a todos. Era o "*laissez faire*" ("deixe fazer") ou Liberalismo Econômico: *Cada um por si, Deus por todos*.

Ao Estado, Smith reservava unicamente três funções:

- Construção pública de estradas e portos, que eram atividades não lucrativas;
- Manutenção da ordem e da justiça, por meio do poder de polícia;
- Defesa da nação contra os ataques inimigos, por meio das forças armadas.

Outro destaque foi o economista francês *Jean Baptiste Say*, que subordinou o problema das trocas de mercadorias a sua produção e popularizou a chamada *Lei de Say*: “a oferta cria sua própria procura”, ou seja, o aumento da produção geraria renda necessária para que trabalhadores e empresários comprassem outras mercadorias e serviços.

Thomas Malthus, também um clássico, sistematizou uma teoria geral sobre a população.

Ao assinalar que o crescimento da população dependia da oferta de alimentos, ele deu o apoio à teoria dos salários de subsistência.

Segundo ele, todos os males da sociedade residiam no excesso populacional: enquanto a população crescia em progressão geométrica, a produção de alimentos seguia a uma progressão aritmética.

Liberalismo Econômico é o princípio econômico em que o mercado atua como regulador das decisões econômicas de uma nação, trazendo benefícios para a coletividade, independente da ação do Estado.

04

2 - ECONOMIA MARXISTA

A nova sociedade industrial de Adam Smith, que surgiu após a Revolução Francesa (1789), não conseguiu, no entanto, melhorar sensivelmente o nível de vida da população.

Com a eliminação dos artesãos e dos servos das glebas medievais, ocorreram os seguintes fatos:

- Todos se transformaram em operários fabris, sujeitos às condições subumanas e totalmente dependentes de seus míseros salários.



- Não tinham mais um pedaço de terra para plantar, nem casa para fabricar seus objetos.
- Todos trabalhavam nas indústrias até 18 horas por dia, inclusive crianças e mulheres, sem direito a qualquer tipo de proteção trabalhista. O único objetivo era o máximo de produção para vencer a concorrência.
- As mulheres grávidas só podiam se ausentar do serviço para terem o filho, voltando em seguida.

Com as máquinas substituindo os operários e o desemprego se alastrando, várias rebeliões contra elas começaram a surgir. A insatisfação geral se instalou. Entre 1800 e 1850, mais de 1.000 casos de destruição de máquinas foram registrados na Europa. Era o *desemprego tecnológico*.

05

Foi nesse ambiente que surgiu um economista que iria causar uma segunda revolução no pensamento econômico: Karl Marx, alemão, com sua principal obra, *O Capital* (1867).



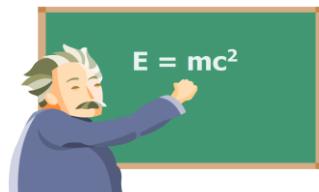
Marx, que foi buscar em David Ricardo várias de suas ideias, viu na propriedade privada - no fato de as fábricas pertencerem a uns poucos capitalistas - a origem de todos os males.

Propôs como solução a socialização dos meios de produção, que passariam então a pertencer ao Estado. Seria a propriedade coletiva.

Os lucros, juros, aluguéis e rendas (a "mais-valia") seriam abolidos e o próprio trabalho se tornaria a única fonte de renda para cada um (isto é, seria abolida a "exploração do homem pelo homem").



Assim como Einstein desenvolveu uma ferramenta especial para a elaboração de suas teorias - o Cálculo Tensorial -, também Marx criou uma nova lógica - a dialética marxista - para demonstrar suas teses, tendo para isso se inspirado na lógica dialética de Hegel, um padre e teólogo seu contemporâneo.



Karl Marx (1818 – 1883) - Economista alemão que desenvolveu quase todo seu trabalho sob a influência dos movimentos socialistas utópicos, por Hegel e pela Teoria do Valor-Trabalho de Ricardo.

David Ricardo (1772 -1823) - É outro expoente do período clássico. Partindo das ideias de Smith, desenvolveu alguns modelos econômicos com grande potencial analítico.

A maioria dos estudiosos considera que os estudos de Ricardo deram origem a duas correntes antagônicas: a *neoclássica*, pelas suas abstrações simplificadoras, e a *marxista*, pela ênfase dada à questão distributiva e aos aspectos sociais na repartição de renda da terra.

06

As três leis básicas dessa nova maneira de se analisar a natureza - são as seguintes:

Lei da união e luta dos contrários: Existem elementos que, embora convivendo entre si, se excluem mutuamente, criando uma contradição. É o caso da classe dos capitalistas e dos trabalhadores, ou dos senhores feudais e dos servos da gleba, que viviam lutando entre si ("Luta de Classes"). Essa contradição é o motor gerador das transformações sociais. Essa lei explica por que a natureza se transforma.

Lei da mudança quantitativa em qualitativa: Quando a água vai sendo aquecida, vai sofrendo uma evolução (mudança quantitativa) até atingir um limite (100°C), quando então muda abruptamente de qualidade, se transformando em vapor ao sofrer uma revolução. A contradição (1ª Lei) corresponde ao choque entre as bolhas que se formam e o líquido. Na sociedade, quando a luta de classes fica acirrada, também chega a um ponto de ruptura: É a Revolução ou "Salto Qualitativo". Esta lei explica como a natureza se transforma.

Lei da negação da negação: É a superação do velho pelo novo, e deste pelo novíssimo, embora cada estágio conserve muitas das características anteriores. É o mesmo que sucessão. Quando o capitalismo negou o feudalismo, este já tinha, por sua vez, negado o escravagismo. Mas cada novo sistema econômico conservou muitas das características de seus predecessores. Esta lei mostra a tendência do desenvolvimento natural.

O início do estudo sistemático da Economia coincidiu com os grandes avanços da técnica e das ciências físicas e biológicas nos séculos XVIII e XIX.

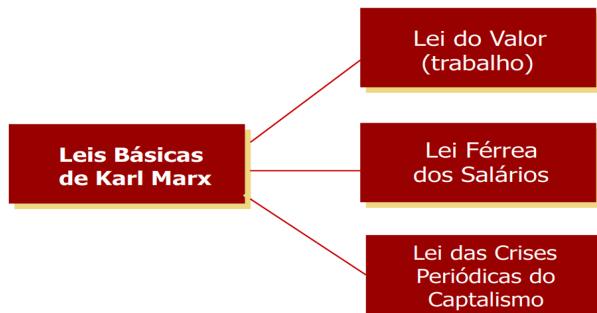
A construção do núcleo científico inicial da Economia deu-se a partir das chamadas concepções *organicistas* (biológicas) e *mecanicistas* (físicas). Segundo o grupo *organicista*, a Economia se comportaria como um órgão vivo. Daí utilizar-se de termos como *órgãos, funções, circulação e fluxos* na Teoria Econômica. Segundo o grupo *mecanicista*, as leis da Economia se comportariam como determinadas leis da Física. Daí advêm os termos: *estática, dinâmica, aceleração, velocidade, forças etc.*

07

Considerando essa nova maneira de raciocinar, Marx inferiu que o capitalismo iria se superar a si mesmo, dando origem ao socialismo e este, por sua vez, ao comunismo, em que desapareceria o dinheiro e o Estado e cada um trabalharia quanto pudesse e receberia aquilo que precisasse.

Para tanto, bastaria que os operários e camponeses se unissem e derrubassem os capitalistas. Aliás, é por isso que na bandeira da ex-URSS constavam os dizeres: "Proletários de todos os países, uni-vos".

Do ponto de vista da análise econômica, Marx desenvolveu três leis básicas:



Com relação à Lei do valor (trabalho), pode-se afirmar que o preço de uma mercadoria é composto de um capital constante: matéria-prima + capital variável (salários) e da mais-valia: juros, lucros, aluguéis e rendas. O trabalho (salário) seria a única fonte de valor (preço), enquanto a mais-valia seria o resultado da "exploração do homem pelo homem", a parte do trabalho dos operários embolsada (expropriada) pelos capitalistas (patrões). Ou seja, o empregado trabalharia parte do tempo para o seu sustento (salário) e outra parte para o do patrão (mais-valia).

Pela Lei Férrea dos salários, estes seriam sempre mantidos ao nível de subsistência (algo como o salário-mínimo), graças à manutenção de um desemprego crônico ("Exército Industrial de Reserva"), fruto de desenvolvimento tecnológico, economizador de mão de obra.

Crises periódicas do capitalismo são geradas no seu processo de acumulação, que vão concentrando o capital nas mãos de um número cada vez menor de proprietários (monopólios), aumentando constantemente o número de assalariados. Marx dizia que "Em cada crise, os grandes capitalistas devoram os pequenos, aumentando ainda mais o seu poder". Mas, em contrapartida, a taxa de lucro também iria declinando, como resultado da livre concorrência (este resultado também será obtido pelos neoclássicos, como veremos). Esse processo conduz a uma tal concentração de renda que as massas miseráveis se amotinam e, por meio de uma revolução, se apoderam dos meios de produção (fábricas, equipamentos etc.) e instauram o socialismo ("A ditadura do proletariado"), com a abolição da mais-valia.

08

As ideias de Marx logo tiveram aceitação geral entre os operários, pois, embora sua teoria fosse discutível em vários pontos, e em outros, extremamente confusa, tinha certas características atrativas:

- Doutrina coerente;
- Uma galeria de heróis e de vilões;
- Código moral;

- E, especialmente, alimentava uma esperança de libertação da situação em que se encontravam.

Os resultados práticos da aplicação da economia marxista, menos visíveis para os que vivem no sistema capitalista, têm sido, em linhas gerais, os seguintes:

Aspectos positivos	Aspectos negativos
O socialismo conseguiu eliminar:	O socialismo retirou:
O analfabetismo Melhorando o padrão cultural da população	Muitas liberdades individuais Proibiu a livre locomoção no país e viagens ao exterior
O desemprego Acabando com a fome e a miséria	A livre manifestação de pensamento Falta de liberdade de expressão
Conflitos entre patrões e empregados Eliminando as greves por melhores condições de salário	A possibilidade da criação de partidos políticos e associações Existindo apenas o Partido Comunista (ao qual 20% da população pertencia)
	A privacidade individual Sob qualquer pretexto a polícia política - KGB - controlava a vida de todo cidadão

09

Os recursos econômicos, por outro lado, foram dirigidos para o desenvolvimento da indústria da guerra, para se protegerem contra uma invasão capitalista, em detrimento dos bens de consumo, que são escassos e de baixa qualidade.

Entre os dois extremos: desemprego com liberdade (capitalismo) e emprego sem ela (socialismo), não haveria um meio-termo?

De fato, foi essa a alternativa escolhida pelos países da social-democracia (Suécia, Suíça, Dinamarca, Áustria, Noruega, Alemanha e outros), considerados hoje os países mais adiantados do mundo.

10

3 - ECONOMIA NEOCLÁSSICA

O sucesso de Marx, suplantando Adam Smith, colocou o capitalismo em apuros, o qual, para a sua defesa, precisava de uma teoria mais poderosa para fazer frente ao marxismo, sem a qual ficaria em posição desvantajosa e vulnerável.

Foi aí então que, quase independentemente, surgiram as obras de W. Jevons (economista inglês), em 1871, de C. Menger (economista austríaco), em 1874, e de M. Walras (engenheiro francês), em 1874.

Partindo dos ensinamentos de A. Smith e de seus sucessores, desenvolveram uma série de teoremas - um verdadeiro modelo matemático - por meio dos quais seria possível entender e prever todo o comportamento da economia capitalista.

O modelo, posteriormente aprimorado por Wieser (austríaco, 1889), Marshall (inglês, 1890), Wicksell (sueco 1898), Pareto (italiano, 1907), e Pigou (inglês, 1920), veio a ser chamado de **Microeconomia**, hoje ensinada em quase todas as escolas de administração e economia do mundo.

11

Suas ideias básicas são as seguintes:

Idéias Básicas da Microeconomia	
Teoria do consumidor	Os consumidores procuram comprar os produtos de forma a obter o máximo de satisfação ("utilidade") com eles. É a chamada "maximização da utilidade", um princípio hedonista. No entanto, embora essa "utilidade" seja somada, multiplicada, derivada e integrada, ninguém, em realidade, sabe como pode ser medida na prática e muito menos que tipo de função é (linear, diferenciável etc.). trata-se assim de um conceito metafísico, impossível de ser testado cientificamente.
Teoria da firma	As empresas procuram estabelecer um preço para suas mercadorias, de modo a obter o maior lucro possível com a sua venda. É o princípio da "maximização do lucro".
Teoria dos mercados competitivos	A interação entre a oferta de produtos pelas firmas e a sua procura pelos consumidores, dadas pelas duas teorias anteriores, faz com que um mercado impessoal e livre estabeleça os preços dos produtos. A esse preço, a oferta e a procura se igualam, as firmas maximizam seus lucros e os consumidores, suas satisfações. É o resultado da "livre concorrência".

12

A abordagem de questões microeconômicas em mercados competitivos parte de uma série de hipóteses teóricas nunca observadas simultaneamente no mundo real. São elas:

- Todos os produtos concorrentes são idênticos (um Volkswagen é idêntico a um Monza, os programas da TV Globo são idênticos aos da TV Record etc.);
- Só existem microempresas e compradores individuais no mercado (a Nestlé e o Pão-de-Açúcar não existiriam);
- Não há sindicatos, cartéis, empresas estatais, barreiras alfandegárias (o contrabando é legal), tabelamento de preços, salário-mínimo, patentes, racionamento, propaganda, dumping, lockout, greves, reserva de mercado etc., nem quaisquer mecanismos que impeçam o livre funcionamento dos mercados;

- Livre iniciativa: qualquer firma pode ser aberta para concorrer com uma Petrobrás, um Banco Itaú ou uma *Brown Boveri*;
- Todas as informações sobre o mercado estão disponíveis e o futuro é plenamente previsível (isto é, todos possuem "bolas de cristal");
- Não existe inflação.

Não obstante a irreabilidade dessas assertivas, suas conclusões poderiam, pelo menos, servir de respaldo e incentivo à iniciativa privada.

Mas isso não ocorre. Com efeito, uma das decorrências do modelo matemático - geralmente despistada - é que, em **longo prazo, nenhuma firma terá lucro** (embora também não venha a apresentar prejuízo).

Um resultado nitidamente desconcertante.



Dumping é o termo usado para a venda de mercadorias no exterior por preços inferiores aos do mercado no país de origem.

Lockout é o termo usado para indicar greve de empregadores.

13

Resumo

A ciência econômica nasceu com Adam Smith, em 1776, criador do Classicismo, em oposição ao Mercantilismo. Defendeu a livre iniciativa e os livres mercados competitivos.

O Marxismo surge em 1867, com Karl Marx, que se opôs ao estado de miséria coletiva vigente nos primórdios do Capitalismo, propondo sua extinção e criando o socialismo científico.

Em 1871, surge a Economia Neoclássica, um modelo matemático do Capitalismo de então, como reação ao socialismo de Marx. É uma extensão de Adam Smith. Deu origem à Microeconomia.

UNIDADE 1 – A MICROECONOMIA E O PENSAMENTO ECONÔMICO

MÓDULO 4 – BREVE HISTÓRICO DO PENSAMENTO ECONÔMICO APÓS KEYNES

01

1 - ECONOMIA KEYNESIANA

A economia neoclássica imperou soberana por mais de meio século, embora cada vez mais distante do mundo real, que se transformava rapidamente.

Em 1929, no entanto, uma nova e profunda crise atingiu o sistema capitalista, pondo a perder boa parte do progresso até então conseguido.

Com efeito, houve uma queda de 1/3 na produção, milhares de firmas faliram, o suicídio virou rotina e o desemprego chegou a 30% da força de trabalho.

Essa crise foi fatal para as teorias econômicas vigentes que afirmavam se tratar de um problema temporário, apesar de a crise estar durando alguns anos; isto demonstrou cabalmente sua incompetência para prever e evitar a bancarrota do sistema que pretendia defender.



02

Como os problemas geram as suas próprias soluções, aparece logo um salvador: Keynes (aluno predileto de Alfred Marshall na Universidade de Cambridge) com sua "Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda" (1936), dando assim nascimento à Teoria Macroeconômica moderna, hoje ensinada em quase todas as escolas de economia e administração do mundo.

Predominavam o liberalismo e a crença de que o mercado sozinho permitiria recuperar o nível de atividade e emprego. A Teoria Geral procurou então mostrar por que a combinação das políticas

econômicas adotadas não funcionava adequadamente, e apontou para soluções que poderiam tirar o mundo da recessão.

03

Os remédios preconizados para salvar o capitalismo da depressão e do fracasso, que contrariavam frontalmente as teses liberais e neoclássicas em voga, foram, basicamente, as seguintes:

- Intervir diretamente na economia, procurando reorientar os mercados competitivos, que haviam entrado em colapso.
- Fazer com que o Estado aumentasse seus gastos e investimentos (impulsionando a criação de empresas estatais), gerando muitos empregos públicos e aumentando, em consequência, a procura por mercadorias e serviços, já que a retração nas vendas tinha sido enorme. O déficit público e o aumento de emissão de moeda daí decorrentes poderiam ser reequilibrados após a crise.
- Incentivar a população a aumentar os seus gastos com consumo - essencial e supérfluo - que, posteriormente, deu origem ao que se chama "Sociedade de Consumo" ou "Consumismo"; Baixar os impostos e a taxa de juros e aumentar a oferta de empréstimos baratos à empresa (mesmo à custa de novas emissões de moeda), promovendo os investimentos privados.
- Combater os especuladores e o desemprego (Keynes chegou mesmo a propor a "socialização dos investimentos").

04

As teses de Keynes revolucionaram profundamente a economia, pois contrariaram vários dogmas liberais já estabelecidos, tais como a intocabilidade dos mercados competitivos, a necessidade de um orçamento equilibrado, a não emissão excessiva de moeda etc.

Por não haver alternativa para a depressão que assolava o mundo, suas ideias acabaram sendo postas em prática rapidamente. Aliás, já em 1933, Hoover, nos EUA, havia decidido intervir na economia por meio do Estado, acabando com a passividade dos liberais diante da crise e antecipando as teses de Keynes.

O acerto de suas medidas logo se fez sentir e, dez anos depois, com o início da segunda grande guerra, a economia voltava a atingir os níveis de produção de antes da crise. Com o fim da guerra, o keynesianismo se impõe definitivamente como a teoria oficial dos economistas do governo.

Destaca-se a obra de dois dos principais seguidores de Keynes, Alvin Hansen e John Richard Hicks, que sistematizaram o modelo keynesiano, por meio da chamada Análise IS-LM (Investment Saving - Liquidity Money), ao final dos anos 30.

05

Nos anos seguintes, houve grande desenvolvimento da teoria econômica. Por um lado, ocorreu a incorporação do ferramental estatístico e matemático, que ajudou a formalizar, ainda mais, a ciência econômica.



Alguns economistas trabalharam na agenda de pesquisa aberta pela obra de Keynes e muitas contribuições para a teoria econômica ocorreram à margem dos grandes centros de estudos ocidentais; pouco da produção teórica foi divulgada por razões políticas. Um exemplo é o trabalho de Mikail Kalecki, um economista polonês que antecipou uma análise parecida com a da Teoria geral de John Maynard Keynes. Contudo, o reconhecimento de seu trabalho inovador só ocorreu muito tempo depois.

06

2 - A ECONOMIA INSTITUCIONALISTA

Tudo ia bem no “melhor dos mundos”, com um desenvolvimento nunca antes observado na história da humanidade. Porém, a partir de 1965, um fenômeno novo começou a se manifestar, para o qual a teoria de Keynes não estava bem preparada: Uma inflação renitente, que não estava respondendo bem aos remédios disponíveis.

Principalmente após o primeiro choque do petróleo, em 1973, a inflação iniciou uma fase ascendente em quase todos os países, o que levou os economistas a pôr em dúvida a eficácia do keynesianismo. Ato contínuo, a teoria neoclássica, com as novas roupagens do monetarismo (baseado na Teoria Quantitativa da Moeda que relaciona a quantidade de dinheiro com os níveis de atividade econômica e de preços), começou a se sobressair, já que abordava a inflação diretamente, ao contrário de Keynes, que não se preocupou com o fenômeno.

Os remédios monetaristas e neoclássicos eram amargos, pois propunham a recessão e o desemprego como terapia, lembrando 1929. Com o segundo choque do petróleo em 1979 e a ampliação de uma nova e grave crise no capitalismo, o monetarismo entrou de vez em ação.

Mas, para a decepção geral, não surtiu os efeitos desejados, embora tivesse funcionado em alguns países, como nos EUA. No Brasil e nos subdesenvolvidos em geral, ao contrário, apenas ajudou a acirrar a inflação que junto com a recessão deram origem a mais um novo e inesperado fenômeno econômico: a Estagflação, para a qual nenhuma teoria convencional estava preparada.

Estagflação refere-se à estagnação com inflação simultaneamente.

07

Novas ideias, no entanto, já estavam há algum tempo em gestação. De fato, já nos primórdios da crise, em 1967, surge uma obra que iria revolucionar outra vez o pensamento econômico: "O novo estado industrial", de John Kenneth Galbraith, economista de Harvard e um dos criadores da Escola Institucionalista que tem por base as teorias de organização industrial.

A tese de que os mercados competitivos, ideia-chave em Smith, Marx, Walras e Keynes, estavam desaparecendo começou a ganhar corpo com um estudo de Berle & Means, *A Moderna Sociedade Anônima e a Propriedade Privada*, publicado em 1929.

Retomada por Galbraith e enriquecida com as análises de Veblen († 1929) e Schumpeter († 1950), acabou por abalar profundamente os alicerces nos quais se sustentavam as teorias tradicionais.

Segundo Galbraith, as grandes empresas multinacionais e estatais haviam submetido o mercado aos seus interesses, os preços haviam sido por elas tabelados e a livre competição substituída pelas colaborações, acordos e cartéis.

Isso explicava a estagflação: A recessão diminuía os lucros, que eram restaurados pelo aumento dos preços. Se as vendas caíssem ainda mais, novo aumento haveria. Como o consumidor não poderia procurar um preço menor pelo mesmo produto, pois estavam todos tabelados pelos cartéis, acabava por ter que pagar o preço estabelecido.

O remédio institucionalista era o governo contra-tabelar os preços e as rendas (impostos, juros, salários, lucros e aluguéis), por meio de uma Política de Rendas.

08

Galbraith também defende outras ideias igualmente revolucionárias, entre as quais são citadas as seguintes:

- Ensino, Tecnologia e Matemática
- Inflação
- Tipo de Economia
- Empresas e Organizações
- Consumidor

Além dessas ideias, Galbraith também considera que o planejamento urbano, saúde pública e defesa do meio ambiente não devem ser relegados a segundo plano.

Nessa categorização de Ensino, Tecnologia e Matemática, podem-se colocar os seguintes aspectos:
O que define um sistema econômico é a tecnologia e não a ideologia;
O ensino da micro e da macroeconomia deve ser abolido das escolas por estar ultrapassado;
A tecnologia e o conhecimento são o quarto fator de produção (além da "terra, trabalho e capital"), que separa os subdesenvolvidos - que não os possuem - dos desenvolvidos;
Os grandes avanços tecnológicos só são viáveis em empresas multinacionais;

O uso da matemática na economia é praticamente dispensável (Galbraith chama os modelos matemáticos de “aeromodelismos”).

Com relação à inflação, pode-se colocar naquela oportunidade como sua causa básica a luta entre as empresas e os empregados pela distribuição da renda.

Nos tipos de economia, é considerado que o poder saiu das mãos dos capitalistas e foi para as dos tecnocratas (executivos e especialistas), devido à dispersão da propriedade privada por meio de milhares de acionistas inexpressivos;

Os sistemas socialista e capitalista convergem para um terceiro sistema (o Brasil tem sua economia socializada em mais de 50% devido às estatais; a China socialista adotou recentes reformas capitalistas)

Nas empresas e organizações, a maximização dos lucros é substituída pela consecução de um complexo de interesses da organização, tais como expansão dos mercados, controle dos governos e dos consumidores, liderança na inovação tecnológica etc. Os lucros, em vez de maximizados, são mantidos apenas em níveis satisfatórios para os acionistas;

As pequenas e médias empresas ou desaparecem ou são absorvidas pelas grandes;

As grandes empresas têm a sua própria fonte de capital, não dependendo dos bancos e das políticas monetárias;

Nos setores em que o capitalismo funciona bem e eficientemente, não se mexe. Os demais setores - educação, transportes, saúde e habitação - devem ser socializados;

O complexo industrial-militar é o resultado da simbiose entre as multinacionais e as forças armadas e, por ser incentivado por ambas - pois gera grandes receitas e ajuda a ampliar e conservar os mercados para as multinacionais -, põe o mundo em constante perigo de uma guerra;

As multinacionais se constituem em repúblicas independentes com administração própria.

O consumidor deixa de ser o "soberano dos mercados" e passa a ser controlado pela propaganda.

09

A revolucionária análise de Galbraith, como era de se esperar, desagradou tanto à direita conservadora quanto à esquerda marxista. De fato, ao constatar o fim dos mercados competitivos e sua substituição pelo "Sistema de Planejamento" (multinacionais e estatais), atacou de frente o monetarismo, o neoclassicismo e o keynesianismo.

Ao negar a substituição do capitalismo pelo socialismo e prever a interpenetração ou convergência dos dois em um terceiro tipo, abalou as bases dos marxistas, que defendiam - e lutavam - justamente por essa substituição (neste aspecto, um dos grandes críticos de Galbraith tem sido o neomarxista P. Sweezy, em *Capitalismo Monopolista*, Zahar Ed.).

Como tem ocorrido geralmente com os gênios da economia que o precederam - Smith, Marx e Keynes -, algum tempo ainda vai passar até que Galbraith seja bem assimilado pelo "Establishment". Mas, dada a atualidade e originalidade de suas teses, dia virá em que "O novo estado industrial" se tornará lugar comum.

Nesse dia, no entanto, como ele mesmo enfatizou, talvez suas ideias já estejam necessitando de uma nova readaptação à realidade, que caminha muito mais rapidamente que o pensamento econômico estabelecido. Pelo menos aquele que é ensinado nas escolas.

A contribuição das abordagens alternativas tem sido fundamental para corrigir as falhas existentes na teoria tradicional, bem como para apontar novos caminhos para a evolução da ciência econômica.

10

3 - DESDOBRAMENTOS RECENTES

O debate sobre aspectos do trabalho de Keynes dura até hoje, destacando-se três grupos: os novos clássicos, os novos keynesianos e os pós-keynesianos. Apesar de nenhum dos grupos ter um pensamento homogêneo e todos terem pequenas divergências, é possível fazer algumas generalizações.

O corpo teórico da economia tem avançado consideravelmente em muitas frentes. Hoje, a análise econômica engloba quase todos os aspectos da vida humana, e o impacto desses estudos na melhoria do padrão de vida e do bem-estar de nossa sociedade é considerável.

No campo da microeconomia, os desenvolvimentos teóricos vêm-se dando em duas vertentes, ambas procurando aproximar-a da economia real dos mercados.

Por um lado, uma continuidade da linha tradicional neoclássica, na área de Teoria dos Jogos e Economia da Informação, em que, diferentemente do modelo tradicional de concorrência perfeita, as empresas são tomadoras de preço no mercado, as firmas podem afetar variáveis relevantes para sua decisão e tem um comportamento mais estratégico.

Por outro lado, numa direção mais crítica dos pressupostos da teoria tradicional, há as teorias de organização industrial que contestam a hipótese de que as empresas são tomadoras de preços e que maximizam lucros, pilares do modelo neoclássico.

Os novos clássicos, antes chamados monetaristas, estão associados, principalmente, à Universidade de Chicago, e têm como economistas de maior destaque Milton Friedman, Thomas Sargent, Robert Lucas. De maneira geral, privilegiam o controle da moeda e um baixo grau de intervencionismo do Estado. O desenvolvimento mais recente dessa corrente é a hipótese das expectativas racionais, segundo a qual os agentes econômicos têm condições de prever as prováveis alterações de política econômica.

Os novos keynesianos, antes chamados simplesmente fiscalistas, têm seu maior expoente em James Tobin, da Universidade de Yale; de maneira geral, recomendam o uso de políticas fiscais ativas e

maior grau de intervenção do Governo, em virtude da rigidez em alguns pontos do sistema econômico, que impediriam que o mercado se autoregulasse.

Com os pós-keynesianos, retorna à obra básica de Keynes, pois julgam que a interpretação que foi dada com base na sistematização da Análise IS-LM não é a leitura correta de Keynes, em particular no tocante à questão da incerteza, pouco enfatizada naquela análise explorando assim outras implicações da obra de Keynes, enfatizando o papel da moeda e da especulação financeira. Pode-se associar a este grupo a economista Joan Robinson, que era muito ligada a John Maynard Keynes.

11

O período mais recente, a partir dos anos 1970, mas que começou a consolidar-se na década de 80, está marcado por três características principais. Em primeiro lugar, existe consciência maior das limitações e possibilidades de aplicações da teoria. O segundo ponto é o avanço no conteúdo empírico da economia. Finalmente, observamos avanço e consolidação das contribuições dos períodos anteriores.

O desenvolvimento da informática permitiu um processamento de informações em volumes e precisão sem precedentes.

A teoria econômica passou a ter um conteúdo empírico que lhe conferiu uma aplicação prática maior.

Hoje, é possível acessar de qualquer ponto do planeta uma infinidade de bancos de dados, que são atualizados constantemente.



Isto permitiu um aprimoramento constante da teoria existente e, por outro lado, abre novas frentes.

12

RESUMO

Com a crise de 1929 e a falha do modelo liberal, aparece Keynes, criador do Consumismo, da intervenção do Estado na economia e do governo empresário e gerador de empregos. Propõe também a socialização dos investimentos. Sua teoria serve de base para a Macroeconomia atual.

A estagflação iniciada em 1970, junto com uma crise comparável aos anos 30, em plena vigência do keynesianismo, dá um impulso a uma nova escola em formação, a institucionalista, crítica do alto grau de abstração da teoria econômica e ao fato de ela não incorporar em sua análise as instituições sociais, rejeita a ideia de mercado livremente competitivo, fundamento das quatro Escolas que a precederam e propõe tratamento político à Economia, em antagonismo às soluções baseadas em "modelos

matemáticos", tendo em vista que dificilmente caracterizam o mundo econômico real. Seu líder é Galbraith, da Harvard University (EUA).

A ciência econômica antes de Keynes esteve baseada quase que exclusivamente nos neoclássicos, a contribuição das abordagens alternativas aos modelos liberais foi fundamental para a evolução do pensamento econômico nas últimas décadas.

Destacam-se hoje três grupos que, apesar de não homogêneos, podem ser classificados em: novos clássicos ou monetaristas, que privilegiam o controle da moeda e resgatam o baixo intervencionismo do Estado devido à recente hipótese de que os agentes têm condições de prever alterações de política econômica (expectativas racionais); novos keynesianos, que resgatam as políticas fiscais ativas e maior intervenção estatal sob a hipótese de que os sistemas econômicos possuem pontos de rigidez que impedem que os mercados se autorregulem; e pós-keynesianos, que enfatizam mais a questão da moeda e das expectativas (especulação financeira), sob a hipótese de que a análise IS-LM não é a leitura correta da teoria de Keynes.

O corpo teórico da Ciência Econômica continua avançando considerável e rapidamente em várias frentes.